



GENERO E RELIGIAO DIVULGADOS ATRAVES DE REVISTAS E PERIODICO CIENTIFICO

Joice Meire Rodrigues¹
Neuza de Fátima Brandellero²

Introdução

O objetivo deste trabalho é articular a produção de temas em gênero e religião através de periódicos científicos indexados e uma revista de base cristã, na tentativa de analisar o crescimento de tais abordagens, e demonstrar o que já foi produzido sobre esta temática.

Na produção científica, a quantidade e a qualidade são aspectos centrais em qualquer área do conhecimento, pois são indicadores do seu vigor. Assim, é possível dizer que um dos indicadores da produção de conhecimento são os índices de publicação. Nos últimos anos, a preocupação com quantidade de produção, e, principalmente qualidade dos artigos tem aumentado consideravelmente, e muitas pesquisas tem aparecido na tentativa de mensurar tais publicações.

Os Cadernos PAGU e a Revista Estudos Feministas (REF) distinguem-se da Revista Eclesiástica Brasileira (REB) principalmente, porque apresentam estudos e teorias que resultam de uma metodologia científica, feitos(as) por profissionais da área e com interesses específicos. Assim como a REB, que é direcionada ao meio de formação eclesial, estas publicações atingem um conjunto restrito de leitores com interesses específicos. Tanto a revista, o periódico e revista de base cristã encontram-se veiculadas na internet. E, além dessa possibilidade, estão disponíveis apenas nas bibliotecas de instituições de ensino e pesquisa.

As publicações da REB não tem muita preocupação com a metodologia científica, e sua principal função é divulgar textos de reflexão, realçando as dimensões de eclesialidade e de ecumenismo. A REB surgiu em 1941 com a intenção de manter a união do clero brasileiro e passou a divulgar grandes temas da teologia atual, desafios pastorais, a realidade sócio-religiosa, temas de direito canônico, de espiritualidade, de evangelização, principalmente direcionados a sacerdotes, pastores, teólogos, professores e estudiosos da religião.

¹ Doutoranda em Ciências da Religião PUC/SP, Mestre em História Social USS/RJ. Professora na UNEC/MG. joice@funec.br

² Doutoranda em Ciências da Religião PUC/SP, Mestre em Filosofia PUC/PR.



A Revista Estudos Feministas originada no início dos anos noventa, assim como a publicação do Núcleo de Estudos de Gênero: Os Cadernos PAGU, surgiram na tentativa de contribuir para o aprofundamento do debate epistemológico e político sobre as relações de gênero a partir de diferentes perspectivas teóricas.

Neste sentido, o objetivo deste estudo foi realizar uma análise dos variados recortes dos temas gênero e religião nas publicações escolhidas. Comparando os índices numéricos de publicações e analisando o porquê dos temas elencados serem menos explorados tanto na revista de base cristã quanto na revista e periódico científico. Qual a relação entre gênero e religião? Como os (as) autores (as) têm abordado os termos gênero e religião em suas publicações?

Contribuições para a análise de Gênero e Religião

Para a classificação dos artigos foi analisado a presença da temática gênero e religião nos títulos, resumos e palavras-chave das publicações, e percebeu-se que a maioria dos(as) diferentes autores(as) parecem comungar do pressuposto de que a construção dos sentidos e significados relacionados às masculinidades e feminilidades dependem dos aspectos sociais, culturais, políticos e históricos.

Essas compreensões se originam das falas de Joan Scott no início da década de 90, que dizem que:

O gênero pode ser compreendido como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre sexos (e como) um primeiro modo de dar significado às relações de poder ou ainda gênero é um campo primário no interior do qual ou por meio do qual o poder é articulado.³

Segundo ela, as relações de gênero, como modo de dar significado às relações sociais, são estabelecidas e difundidas pela cultura nas suas variadas esferas. Assim, o conceito de gênero pode permitir a percepção do caráter sociológico da construção dos sentidos e dos significados relacionados às masculinidades e feminilidades, chegando-se a conclusão que tais dados não estão em nossa configuração biológica e podem ser transformados.

As características de gênero são construções sócio-culturais que variam através da história e se referem aos papéis psicológicos e culturais que a sociedade atribui a cada um do que considera masculino e feminino.

Na publicação da revista e do periódico científico escolhido pode-se entender gênero como um discurso sobre as diferenças dos sexos. A partir desta análise o termo gênero, como constructo

³ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Educação e Realidade, V.20(2), 1995. p. 86.



histórico, diferencia-se de sexo, que passou a se referir as diferenças anatômicas e dividir os corpos e as aprendizagens em masculinas e das femininas.

Nesse embate é importante destacar que a religião, como aspecto cultural, produz e reproduz as concepções dominantes de gênero na sociedade, e muitas das vezes segrega aquele ou aquela, determinando espaços para ambos.

Pois ao contrário do que se pensa, a cultura religiosa não é, e nunca foi neutra. Ela reflete o modo como as relações sociais de gênero são produzidas e configuradas socialmente e, determina papéis para homens e mulheres nas religiões. Convive-se com isso todos os dias e muitas vezes sem perceber.

Ao retomar o livro de Rita Gross, *Feminismo e Religião*, consegue-se perceber a presença do sexismo nas religiões do mundo através da interpretação das escrituras, apesar de nenhuma religião se intitular como patriarcal. Ela nos mostra o quanto ainda se deve caminhar para romper com a forma excludente das interpretações religiosas das escrituras.⁴

Carol P. Christ num artigo de 1977, sugere que aquelas feministas que procurassem transformar a religião de dentro deveriam ser chamadas de “reformistas”, enquanto aquelas que procurassem desenvolver uma nova forma de religião feminista tradicional deveriam ser chamadas “revolucionárias”.⁵

Segundo ela, ambas as posições procuram um objetivo comum: a transformação feminista da religião para além do patriarcado. Ambas as escolas também consideram a experiência das mulheres como ponto de partida de toda teologia feminista. Pois, as teólogas feministas afirmam que a experiência das mulheres possui uma autoridade religiosa da mais alta importância.

Outra autora que também trabalha com esta questão da valorização da “experiência da mulher” é Londa Schienbinger. Segundo ela, “[...] as mulheres elaboram o saber científico de maneira diferente do modo competitivo e reducionista dos homens”⁶, e ainda, a “[...] cultura vigente determina o modo como dirigimos nossa atenção ao mundo à volta”.

Desta forma, compreendemos que as mulheres possuem uma forma diferente de ver o mundo, e que a maioria das publicações existentes sobre esta nova temática são uma tentativa de

⁴ GROSS, Elizabeth. *Qué es la teoría feminista?* In: Debate Feminista. Feminismo: movimiento y pensamiento. Ano 6, Vol 12, Out, 1995. p. 105.

⁵ CHRIST, Carol P. apud GROSS, Rita. *Feminism and Religion: an Introduction*. Boston: Beacon Press, 1996. p. 107-108.

⁶ SCHIENBINGER, Londa. *O Feminismo mudou a Ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001. p. 9 e 12.



inclusão das mulheres na sociedade, devido à necessidade da existência de uma análise do feminino como objeto, ou seja, a necessidade do reconhecimento deste novo objeto e destas novas metodologias.

É necessário destacar que esta tentativa não quer apenas revelar o que é incorreto nas teorias patriarcais, mas pretende principalmente abrir espaços para os novos discursos, “deixando claro que estes discursos (os patriarcais) revelam uma posição parcial e partidária e não universal”.

No lugar de tratar de estabelecer uma nova forma teórica, a teoria feminista busca um novo espaço discursivo, um espaço em que as mulheres possam escrever, ler e pensar como mulheres. Este espaço fomentará uma proliferação de vozes, no lugar de estruturas em uma hierarquia, uma pluralidade de perspectivas e interesses em lugar do monopólio de um: novos tipos de perguntas e distintos tipos de resposta. Não se privilegiaria uma só forma de verdade, a interpretação correta, o método correto, mas, os conhecimentos, métodos e interpretações [...] ⁷

De forma geral, acreditando que a vida das mulheres, ou seja, sua experiência, lhes proporciona uma ótica diferente para reconhecer a realidade social, diversos autores e autoras destacam que a redefinição das antigas questões em termos novos e mais, o surgimento de novos objetos e metodologias, tornaram as mulheres mais visíveis e participantes.

Além do mais, essa nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre as estratégias políticas feministas atuais e o futuro (utópico), porque ela sugere que o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também, a classe e a raça. ⁸

Nesta mesma direção, Alisson M. Jaggar e Susan R. Bordo criticam a ciência e a concepção tradicional que diz existir uma realidade única e objetiva, e mencionam ser necessária uma

[...] argumentação que se deve questionar o ideal cartesiano no qual se baseia a noção contemporânea de ciência, porque não leva em consideração o papel que a política e a história desempenham nessa busca etérea; além disso, não leva em conta as formas através das quais a razão, a emoção e a paixão significam coisas diversas e são avaliadas diferentemente por pessoas diferentes”. ⁹

Seguindo esta temática, Sandra Farganis (1997, p. 229-230) trabalha com as trajetórias feministas do conhecimento e propõe um olhar sobre a Ciência Social Feminista, mostrando que a ciência como ela é tem perspectivas conflitantes com as experiências das mulheres, e como é, praticada simplifica as relações de causa e efeito, pois “[...] primeiro, olha para os corpos como se fossem todos masculinos; segundo, faz distinções arbitrárias entre sujeito e objeto, natureza e

⁷ GROSS, Elizabeth. *Qué es la teoría feminista?* In: Debate Feminista. Feminismo: movimiento y pensamiento. Ano 6, Vol 12, Out, 1995. p. 102.

⁸ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Educação e Realidade, V.20(2), 1995. p. 21.

⁹ FARGANIS, Sandra. *O Feminismo e a Reconstrução da Ciência Social*. In: JAGGAR, Alisson M.; BORDO, Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record - Rosa dos Tempos, 1997. p. 224.



educação, biologia e meio ambiente, indivíduo e comunidade, ignorando a interação dialética de cada par”.¹⁰

Uma das diferenças mais marcantes do ser humano é o ser homem ou ser mulher. Trata-se de uma diferença biológica, marcada no corpo ao longo do desenvolvimento físico diferenciado de meninos e meninas. E, a grande questão é o sentido que cada momento histórico e cada cultura atribui a essas diferenças, pois essa diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social, daí a importância do conceito de gênero para nos auxiliar nesta compreensão.

Assim, o conceito de gênero é muito útil para iluminar e entender os mais diversos processos, entre eles a presença majoritária de mulheres nas religiões. Pois, trabalhar com gênero e religião exige uma reflexão sobre os símbolos culturais existentes, com as atribuições do ser homem e ser mulher em nossa sociedade e, principalmente com a construção das identidades individuais e coletivas, procurando assim denunciar a pretensão universal e generalizada da existência de um modelo ainda dominante de masculinidade e feminilidade.

Resultados e discussão

A partir da análise dos artigos encontradas sobre gênero e religião, fica ainda mais evidente a necessidade de se questionar o universo das religiões a partir de uma perspectiva feminista. Visto que historicamente, percebe-se que os homens ocuparam todos ou a maioria dos papéis de liderança e de autoridade no âmbito religioso, enquanto as mulheres encontram-se envolvidas com as práticas religiosas.

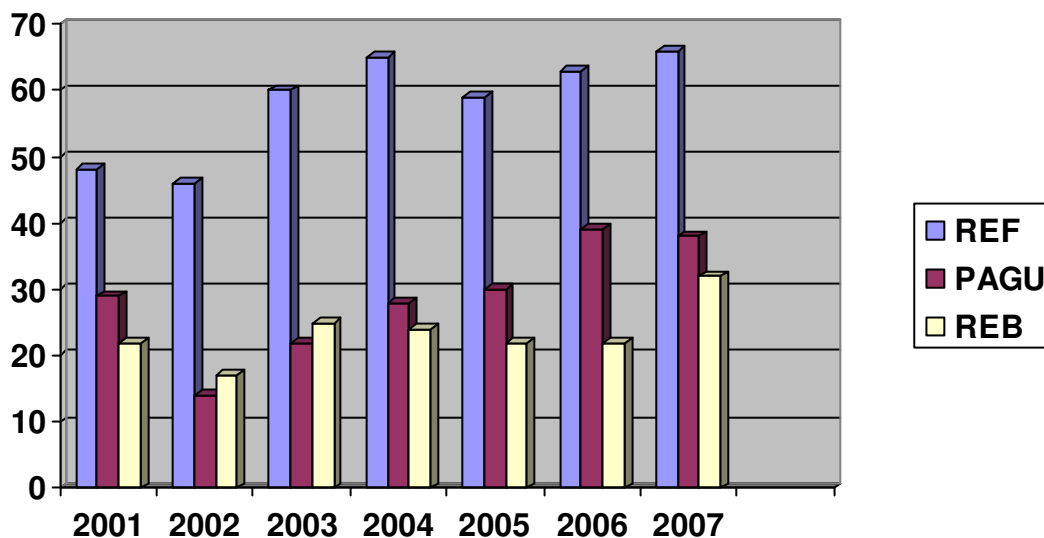
A mensuração destes dados torna evidente a desigualdade política, jurídica, social e econômica das mulheres, e contribuem, preciosamente, para o aumento das reflexões sobre desigualdade, possibilitando o aparecimento de artigos sobre as relações de gênero, a situação da mulher e as questões religiosas, o que põe em xeque argumentos historicamente considerados como naturais.

¹⁰ FARGANIS, Sandra. *O Feminismo e a Reconstrução da Ciência Social*. In: JAGGAR, Alisson M.; BORDO, Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record - Rosa dos Tempos, 1997. p. 229-230.



Histograma I

*Número Total de Artigos Publicados
nas Revistas e Periódico (2001-2007)*



Como se pode notar no histograma, é evidente a multiplicação das iniciativas de investigação sobre as desigualdades de gênero. O que conseqüentemente, indica um reflexo do momento social e da influencia de tais assuntos que favorecem a consolidação e o aumento de publicações sobre a ausência da mulher como líder nos espaços religiosos.

Um dos motivos do aumento do número de artigos publicados se dá pelo fato das revistas, na tentativa de atenderem a demanda de seus leitores, partirem para uma seleção das mais variadas temáticas, buscando explicar muitos dos problemas sociais, políticos e econômicos a partir de uma ótica feminista.

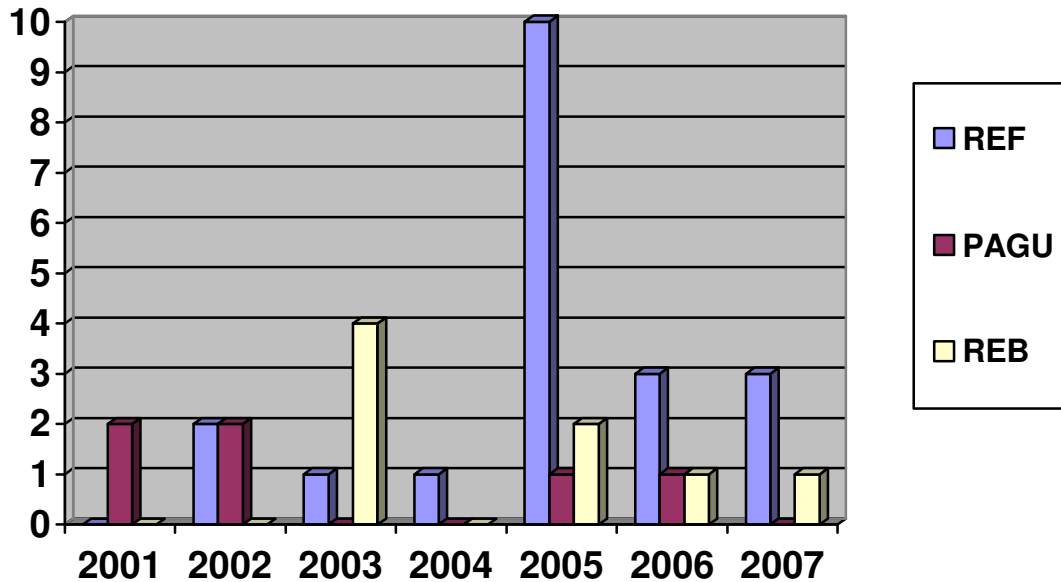
Além disso, a curiosidade crescente sobre o assunto impulsionou a produção científica, favorecendo o aumento das publicações de livros, artigos e revistas que passaram a ser encontrados em bibliotecas, internet e livrarias.



Histograma II

Número de Artigos sobre Gênero e Religião

Publicados nas Revistas e periódico (2001-2007)



Fica claro no histograma dos Cadernos PAGU e da Revista Estudos Feministas, que é necessário considerarmos os avanços realizados na área, mesmo que a maioria das publicações encontre-se direcionada aos fatores de desprestígio social, divisão social do trabalho como elemento de desigualdade etc.

Este histograma contribui para a percepção do aparecimento de artigos voltados para a situação da mulher, demonstrando o crescimento da preocupação com a manutenção da mulher no meio cristão católico, na tentativa de resgatar a participação feminina na construção da história da igreja católica, disponibilizando histórias de vida de algumas mulheres e santas, e partindo da idéia de que os estabelecimentos religiosos contribuíram para o aumento do espaço social feminino.

Publicações como estas demonstram que os estudos sobre a temática gênero e religião tem buscado superar em qualidade e quantidade as teorias patriarcais, e continuam atraindo a atenção dos leitores.



Considerações Finais

Estes levantamentos são necessários no sentido de demonstrar que a investigação sobre gênero e religião proporcionam espaços para as discussões de estudiosos(as), que se interessam sobre as condições da mulher e sua luta ao redor do mundo em todos os setores.

Apesar dos estudos de gênero e religião terem aumentado em número e qualidade, muito ainda há de se produzir para a manutenção do debate teórico-metodológico, que busque através da interdisciplinaridade promover um diálogo entre pesquisadores e pesquisadoras.

Bibliografia

CADERNOS PAGU. São Paulo: Unicamp, 2001-2007.

FARGANIS, Sandra. *O Feminismo e a Reconstrução da Ciência Social*. In: JAGGAR, Alisson M.; BORDO, Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record - Rosa dos Tempos, 1997.

GROSS, Elizabeth. *Qué es la teoría feminista?* In: *Debate Feminista*. *Feminismo: movimiento y pensamiento*. Ano 6, Vol 12, Out, 1995.

GROSS, Rita. *Feminism and Religion: an Introduction*. Boston: Beacon Press, 1996.

REVISTA DE ESTUDOS FEMINISTAS. Florianópolis: Editora Mulheres, 2001-2007.

REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA. Petrópolis: Vozes, 2001-2007.

SCHIENBINGER, Londa. *O Feminismo mudou a Ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. *Educação e Realidade*, V.20(2), 1995.